

RESUMO

O objetivo desse artigo consiste em problematizar e entender as múltiplas resistências dos sujeitos (as) não heteronormatizados por meio da análise de performance corporal do grupo teatral Dzi Croquettes. Esse grupo teatral se organizou em 1972, no Brasil, tendo como formação original treze homens que atuavam e dançavam. Esse grupo, compostos por sujeitos peludos, musculosos, que vestiam sunga fio dental, muita maquiagem e purpurina, usava da transgressão das normativas de identidade de gênero de forma lúdica e satírica, contrapondo as relações de força, poder e masculinidade que eram predominantes na sociedade do século XX, em pleno regime ditatorial. Para esse estudo, focalizamos as históricas possibilidades de ser, de se forjar e de se constituir de modo não heteronormatizador por meio do olhar da Teoria Queer. A metodologia utilizada foi a pesquisa documental e bibliográfica em que analisamos performances dos Dzi Croquettes por meio do documentário “Dzi Croquettes” (2010), e depoimentos dos integrantes da trupe no livro-catálogo “Dzi Croquettes”. Este trabalho tem, portanto, a finalidade de analisar o questionamento de identidades polarizadas e fixas, defendendo a dinâmica polifacetada dos sujeitos.

Palavras-chave: Dzi Croquettes, Teoria Queer, Técnicas de Si.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo consiste em problematizar e entender as múltiplas resistências dos sujeitos (as) não heterossexualizados por meio da análise de performance corporal do grupo teatral Dzi Croquettes. Para esse estudo, focalizamos as históricas possibilidades de se ser, de se forjar e de se constituir de modo não heteronormatizador. Devemos considerar que os estudos acerca dos processos de não sujeição as normas sócio-institucionais foram anunciadas por Foucault no final do século XX. Assim, um conceito importante para entender as possibilidades de existência marginal e das múltiplas formas de resistência à heteronormatividade compulsória é “*Técnicas de Si*”. Esse conceito busca compreender o sujeito não como substância extraída de um sujeito supostamente universal, mas como uma *forma* que, por sua vez, se refaz contingencialmente. Desse modo, pensar a atuação das Dzi

¹Mestranda em educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Graduada em Ciências Sociais pela UERN. E-mail: dianadayane1@hotmail.com.

Croquettes é refletir sobre as diferentes performances corporais que perturbam frequentemente a pedagogia do gênero, na qual inclui jogos e ritos de passagem que são variantes de acordo com os grupos sociais, mas que, de modo geral, compreendem a exaltação do poder. Algumas questões norteiam a análise desse estudo, são elas: Qual é o impacto que o grupo teatral causa na medida em que contrasta diretamente com o modelo binário nos quais os corpos são submetidos? Eles reivindicam uma identidade fixa? Se sim, qual? Se não, por quê? É possível pensar numa existência em que os corpos habitem um devir imanente, ou seja, uma recusa a conclusão de si mesmo, uma negação tácita daquilo que seja fixado como homens e mulheres? Trata-se, portanto, de pensar o exercício da (des) construção do gênero a partir do questionamento dos instrumentos que demarcam os corpos considerando-se os efeitos do cruzamento desses como fronteiras que podem causar impacto tanto no campo político e quanto no campo subjetivo.

As Dzi Croquettes foi um grupo teatral que se organizou no ano de 1972, em Santa Tereza, Rio de Janeiro. Sua formação original era composta por treze homens, todos eram atores e bailarinos. Havia diversificação no grupo desde sua formação inicial em que negros, brancos, brasileiros e um estadunidense atuavam e dançavam todos juntos. A faixa etária variava entre 18 e 40 anos. Os integrantes dos Dzi eram respectivamente: Wagner Ribeiro, Cláudio Gaya, Reginaldo e Rogério de Poly, Benedicto Lacerda, Bayard Tonelli, Paulo Bacellar, Ciro Barcelos, Roberto de Rodrigues, Leonardo Laponzina (Lennie Dale), Carlinhos Machado, Cláudio Tovar e Eloy Simões. Esse grupo compostos por sujeitos peludos, musculosos, que vestiam sunga fio dental, muita maquiagem e purpurina, usava da transgressão das normativas de identidade de gênero de forma lúdica e satírica, contrapondo as relações de força, poder e masculinidade que eram predominantes na sociedade do século XX, em pleno regime ditatorial.

Nesse cruzamento utilizamos a perspectiva teórica pós-estruturalista que integra também os estudos da Teoria Queer. Os autores fundamentais para a análise foi Michael Foucault, por defender o discurso da sexualidade como um instrumento de poder bem como analisar os regimes de verdade no qual um saber hegemônico é estruturado por um poder que se afirma como imperativo nos destinos de sujeitos e contextos sociais; Judith Butler, por se preocupar com as teorizações sobre a identidade de gênero e sexual de caráter metafísico, e de considerar a performatividade como uma constante produção de si mesmo; Deleuze por pensar a “diferença” como conceito e não como substantivo gramatical contraposto à igualdade. É importante enfatizar aqui que essa “diferença” pensada como ferramenta

analítica e conceitual é importante para problematizar o conceito de “diversidade” sexual como problemática porque se apoia num pressuposto vago e benevolente de tolerância Silva (2011). Ela se limita a proclamar a existência do diferente sem colocar no seu centro a crítica política da identidade e da diferença, tendendo, conseqüentemente, a torná-las essencializadas, cristalizadas e naturalizadas.

A metodologia utilizada foi a pesquisa documental e bibliográfica em que analisamos performances dos Dzi Croquettes por meio do documentário “Dzi Croquettes” (2010), e depoimentos dos integrantes da trupe no livro-catálogo “Dzi Croquettes”.

DO PANÓPTICO À REBELDIA DOS MARGINAIS: COMO A (AUTO) REGULÇÃO DOS CORPOS DESLIZAM SOBRE A SUPERFÍCIE DAS IDENTIDADES

Em “*vigiar e punir*” Foucault faz uma análise dos mecanismos disciplinares que se institucionalizaram e buscaram a dominação do corpo de modo a torná-los dóceis num processo que se preocupa muito mais com as atividades exercida e utilizada pelo corpo do que propriamente o resultado dessas.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de sobrevivência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado ‘uma aptidão’, uma ‘capacidade’ que ele procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dele uma relação de sujeição estrita. [...] a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (FOUCAULT, 1999, p.133)

Evidentemente não podemos esperar de Foucault um relato ou análise unilateral na qual seja possível encontrar prontamente os mecanismos disciplinares. Não há um ou vários locais facilmente dispostos geograficamente que possam ser revestidos diretamente de uma figura “opressora” externa e coercitiva. Desse modo não é possível deslocar os acontecimentos em esferas antagônicas classificando-os simplesmente de opressores (que controlam os mecanismos disciplinares) e oprimidos (que internalizam essas normas de assujeitamento)

Essas técnicas são sutis e ao mesmo tempo em que são internalizadas, elas se generalizam facilmente. Arranjos aparentemente pouco importantes, onde, no entanto, possuem um grande poder de difusão. Não se procura conscientemente um sentido, mas a

coerência de uma tática. “A disciplina é uma anatomia política do detalhe.” FOUCAULT, 1999.

Para Foucault, a sexualidade sempre foi objeto de interdição e ela se intensificou a partir do século XVII quando houve repressão das práticas sexuais no interior das famílias. Esse ato de repressão está ligado diretamente à tentativa de levar ao esquecimento de qualquer prazer humano que não estivesse ligado a economia sexual. Como consequência, esse controle da sexualidade abre uma discussão para todos e todas aquelas que buscam falar sobre assuntos proibidos dando origem naqueles sujeitos que não se encontram na norma, sejam adjetivados como transgressores.

O panoptismo analisado por Foucault se tornou um instrumento de vigilância do corpo em que não apenas apontava como as performances deveriam ser executadas, mas como também dividia o normal do anormal, expressão pura e simples da fragmentação binária. As técnicas eram desenvolvidas em conjunto com as instituições que tinham a tarefa de controlar e corrigir os indivíduos, fazendo funcionar os dispositivos disciplinares.

Os estudos sobre gênero se deram, desde seu início, numa relação intrínseca entre homens e mulheres em que estas eram dominadas por um sistema patriarcal na qual imperava uma lógica masculina levando até as últimas consequências o controle sobre a mulher. Essa posição da mulher vista como um ser secundário e inferior, embora ainda seja combatida na contemporaneidade, tomou outros rumos a partir da época da modernidade em que o Estado começou a tomar o controle das organizações sociais demarcando o ambiente comum em que a privacidade deveria existir.

Não devemos com isso apontar o gênero como categoria que deva ser analisada de forma essencialista, atribuindo papéis específicos para homens e mulheres. De acordo com Butler (2008), é necessário não buscar no gênero uma origem ou uma verdade uníssona, mas sim tentar conhecer as investidas políticas que são consideradas como causas da naturalização das categorias de identidade masculina e também feminina. Portanto, como homens e mulheres devem se portar socialmente. Essas verdades são efeitos de práticas e discursos provenientes de várias instituições em que é possível manifestar os corpos sexuais como lícitos ou ilícitos, atribuindo-os o caráter de normais.

De acordo com Foucault (2006), todas as práticas sexuais marginalizadas foram controladas pelo poder do discurso sutil, tendo em vista que o objetivo desse controle se

constituía em consolidar a ideia de que o correto seria uma sexualidade conservadora, heterossexual, voltada para a procriação e reprodução do status quo. É desse modo que uma variedade de sexualidades começa a emergir dentre as opções possíveis de sexualidade humana, isso resultaria mais tarde na luta caracterizada como minorias². Essa heterogeneidade da masculinidade passa a ser classificada e conceituada com a intenção não de reprimi-la, mas objetiva contrastá-la em oposição ao modelo tradicional e aceito social e contextualmente.

Assim, é possível observar a predominância de um equilíbrio sobre as performances corporais, a genitália e o erotismo do corpo centrado numa perspectiva heterossexual. Em outras palavras, os estudos de gênero, ao buscar uma emancipação das minorias sexuais, reiteraram as dicotomias macho e fêmea, homem e mulher, obliterando a inserção daquelas pessoas que não se identificavam com nenhum ou com ambos. As consequências apregoadas por essa tríade normativa corpo-genitália-desejo, oriundas tanto do discurso médico quanto da teoria feminista tradicional, foram de tal modo que aqueles que não se encaixam nesse quadro normativo sofreram sanções sociais. Em função disso se tornaram seres abjetos, marginais, nocivos, perigosos, grotescos que precisam de uma lei que os protegessem de si mesmos garantindo os direitos civis de afetividade semelhantes aos casais heterossexuais, o que legitimou ainda mais a instituição da heterossexualidade como a única forma de exercício de inteligibilidade do gênero e de vivência da sexualidade.

De todo modo, os processos de assujeitamento não são apenas negativos. Foucault (1983) resgata dois conceitos da Grécia antiga que são analiticamente importantes para problematizar os deslocamentos que fazem os sujeitos sobre as verdades instituídas, sobretudo no campo da sexualidade. As “*Práticas de Si*” e as “*Técnicas de Si*”, conceitos que, embora sejam interdependentes, eles não são iguais. O primeiro trata das regularidades do fazer humano sistematicamente condicionada em torno da ética, do poder e do saber. O segundo trata das táticas e estratégias que acompanham um caráter reflexivo sobre as práticas. De acordo com o autor, essas táticas evidenciam o caráter de liberdade que os sujeitos vivenciam sobre a regulação de sua própria conduta, já que é por meio delas que as práticas são (re)utilizadas.

²Aqui, quando falamos de minorias, utilizamos o conceito arguido por Louro (2001) em que as minorias nunca poderiam fazer referência a uma ordem numérica inferior, mas sim como maiorias que se encontram silenciadas que, tem a potencia de transformar a marginalidade em território e o estigma em orgulho. No entanto, a pesquisadora aponta que sua visibilidade tem efeitos contraditórios. Por um lado, existem alguns setores da sociedade que parecem aceitar o fato de haver uma pluralidade sexual; por outro, algumas esferas mais tradicionais reiteraram seus ataques por meio de realização de campanhas de retomada dos valores da família a violências física.

As Dzi Croquettes formaram esse ícone de deslocamentos constantes, produziram reiteradamente técnicas que violavam o saber, a ética e o poder da época. Produziram múltiplos devires que não se aprisionam nos mecanismos disciplinares. Ao invés de saírem da caverna platônica na busca de um “Ser”, de um fundamento centrado na essência, de uma emancipação humana, de uma busca desenfreada e frenética da igualdade absoluta, elas encontraram o devaneio dentro da caverna, se reinventaram nela, observaram meticulosamente situações no plano da imanência cuja realidade difusa e inconstante produz uma diferença errática e sem asas, pois ela já se alça em voo.

Assim, no próximo tópico será versado sobre a teoria queer em diálogo com o conceito de diferença deleuziana. O objetivo central é considerar a contribuição de ambas para a pesquisa no campo do gênero e da sexualidade. Além dessa imersão no campo filosófico, o texto também irá percorrer o terreno político de modo a questionar o conceito de “diversidade Sexual” como instrumento de análise social de uma população centrada em categorias fechadas como LGBT, bem como dialogar com a política de inserção social dos LGBT promovida por meio da utilização desse conceito.

DEVIR CORPO: OLHARES DA TEORIA QUEER SOBRE A DESCONSTRUÇÃO DA NORMA BINÁRIA

A Teoria Queer, como termo cunhado academicamente, surgiu na década de 1990, nos Estados Unidos, e teve como fundamentação teórica o pós-estruturalismo baseado nos estudos de Foucault, Derrida e a filósofa contemporânea Judith Butler. O próprio termo “*queer*”, em sua tradução para a língua portuguesa, significa: estranho, raro, extraordinário. Além disso, este termo também carrega sentido abjeto, pejorativo que é constantemente reiterado pelos discursos homofóbicos, adquirindo a força ao apontar um lugar discriminado para quem lhe é dirigido.

Segundo Louro (2001):

Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.

Desse modo podemos perceber que o termo queer pertence ao universo político em que os teóricos usam o “*queer*” com o objetivo de potenciar a aversão, a humilhação e a situação daqueles que não se integram aos padrões sociais e culturais da sexualidade. De acordo com Butler (2002), Queer contrai todo o seu poder por meio da invocação repetida que faz relações com acusações, patologias e insultos. Ou seja, é fazer o uso da perversidade com a finalidade de destacar a norma no “meio” da “anormalidade”.

Essa ideia de “desajustamento”, de ruptura, é derivada da perspectiva pós-estruturalista, pronunciada por Jacques Derrida. Seidman (1996) afirma que os estudos “queer” são favoráveis a uma estratégia descentralizadora, que contesta as propostas sociais e políticas defendidas pelo positivismo. É pensar o social como um texto que deve ser interpretado e criticado com o objetivo de contestar conhecimentos e hierarquias sociais e políticas.

O “queer” é um conceito e acordo com Deleuze e Guattari (2000, apud LEON, 2010, p. 60) um conceito não é uma opinião, mas uma forma de agir sobre uma opinião generalizada, ou seja, é algo que produz. O conceito não deve ser procurado como uma entidade metafísica palpável, rígida e messiânica, mas um instrumento, algo que é criado, inventado a partir de condições existentes e que age no universo dessas mesmas condições. E o “queer” é um conceito que produz a diferença e não uma diversidade.

A diferença deleuziana, como conceito, possui alguns elementos fundamentais que auxiliam na compreensão da fluidez do conceito de queer, pois os conceitos estão sempre entrelaçados na sua independência, podem ser resgatados de qualquer tempo e espaço pois eles não tem data limite, desse modo, para se fazer menos obscuro a diferença em Deleuze é necessário observar sucintamente as outras percepções de diferença dentro do campo filosófico.

O Ser, protagonizado pela filosofia platônica, é aquele que possui uma existência transcendental, desconhecida, obscura, estável. Aquilo que “é” não pode variar, é essência humana, portanto faz parte do mundo inteligível. Essa transcendentalidade que definem modelos a serem seguidos, que se opõem aos simulacros, as cópias mal fundadas, a esse devir sofista, é combatido por Deleuze. De acordo com Shopsk, 2004:

Trata-se de distinguir, primeiramente, a coisa mesma de suas imagens. Mas, em segundo lugar, trata-se de estabelecer a diferença entre as cópias-ícones e os simulacro-fantasmas [...]. De que valeria um modelo se ele não pudesse

ser imitado com perfeição, ou ainda, de que adiantaria a existência de um modelo se suas cópias pudessem furta-se a ele sem qualquer prejuízo para ambos? Na verdade, o simulacro não é uma cópia de uma cópia, ele é a própria negação da cópia.

Essa diferença platônica e de certo modo aristotélica – que criou como regra e base de todo o conhecimento, o princípio da não contradição - teve uma enorme contribuição para o campo do pensamento científico que passou a considerar a diferença como acidentes que não fazem parte da definição do ser. “A diferença é algo que ameaça o perfeito equilíbrio da razão.” Schöpfk, 2004

É importante destacar que Deleuze não nega o idêntico, mas um único modo de existência que torna uns mais reais que outros. Aqui a diferença não é aquela que é externalizada, visível aos olhos, mas aquela que dissimula, que é interior que não pode ser representada já que não pode ser apreendida.

Por isso a diversidade propagada pelos manuais de políticas públicas reforçam as categorizações como elementos dados, existenciais e finitos, pois não conseguem conceber as multiplicidade infinita de existências. A diversidade não é apenas aquilo que diferencia, mas é a diferença que torna algo diverso.

A teoria queer não minimiza as representações ou as tornam instrumentos inúteis de retrocesso. É reconhecido e defendido a importância de direitos constitucionais que assegurem a integridade de todas as minorias, no entanto, deve-se permanecer sempre aberto as possibilidades que de antemão se fazem fugidias. Como daqueles que não querem se casar mas viver na promiscuidade dos prazeres do corpo, daqueles que não querem viver como homens e mulheres, daqueles que, aos olhos cartesianos, são homens e mulheres normatizados, mas que entram no banheiro dos bares para sentir os orgasmos proibitivos e sancionáveis.

O “queer” e a diferença se buscam inexoravelmente, jamais como metades de uma laranja, mas como rizomas que se deslocam em espaços criados pelo e para seu próprio desenvolvimento. O nomadismo dos corpos contra o sedentarismo das ideias, é o que diz a Teoria “queer” por meio das Dzi Criquettes. Artistas que positivaram a abjeção de seus corpos semi-nus, questionaram de forma lúdica o sistema político da época, problematizaram o binarismo dos gêneros e descolaram seus desejos para todos os espaços.

TRAJETÓRIA DAS DZI CROQUETTES: MOVIMENTO E DILACERAMENTO DOS CORPOS

O grupo teatral Dzi Croquettes teve início nos anos 70, no auge da ditadura militar e teve uma grande importância histórica para o Brasil. Este grupo atribuía o corpo como ferramenta artística de contestação num momento de repressão, perseguição e censura para aqueles que não respondiam de maneira positiva com o regime que se instalara em 1964. Ciro Barcellos, co-fundador do grupo, relata bem o momento quando se conheceram em meio ao contexto histórico da época:

Wagner, Bayard, Bene, Roberto, Gaya, Rogério, Reginaldo, Paulette, Carlinhos, Tovar, Eloy, Lennie, Ciro. Eu tinha 17 anos quando conheci o Bayard nas aulas de dança com o Lennie, ele me convidou para fazer parte de um grupo que estava se formando numa casa em Santa Teresa, chamada Embaixada de Marte. Então eu fui, subi a ladeira sem sequer imaginar o que iria encontrar. [...]. A medida que a ideia do Wagner de ontá uma peça de sua autoria, intitulada Dzi Família Croquette, foi se desenvolvendo em nossos encontros diários na Embaixada de Marte, Paulette, que vendia o artesanato do Wagner e era muito da engraçada, passou a fazer parte do grupo. E também Carlinhos e Eloy. No desenrolar da história, Lennie Dale, [...], se apaixonou pela ideia e resolveu assumir a direção e coreografia do que viria a ser o DZI CROQUETTES. Estávamos em pleno regime militar e na onda dos tropicalistas. [...] operando desvios nas normas estabelecidas e criticando o regime homofóbico e ditatorial da época. (Ciro Barcellos In: BARCELLOS; BRITTO, 2010, p. 4.)

A história desse grupo foi esquecida durante pouco mais de 30 anos quando foi resgatada, posteriormente, por Tatiana Issa e Rafael Alvarez que, em 2009, produziram um documentário sobre o grupo no qual contava sua trajetória. Para isso, utilizaram entrevistas com alguns antigos participantes e fundadores, bem como pessoas que estavam envolvidas com a sua formação desde a origem.

De acordo com a antropóloga, Rosemary Lobert, que desenvolveu em 1979 sua dissertação de mestrado *“A palavra mágica: a vida dos Dzi Croquettes”* defende a representação artística desse grupo como forma de resistência às normas de gênero e a rigidez e intolerância perpetradas pelo regime militar da época. Usar o corpo e a arte teatral como instrumento provocativo às normas sociais era um desafio de enfrentamento direto a um projeto político que buscava a homogeneização de todos os sujeitos.

Era rompendo as normativas binárias de gênero e com os vários códigos de seus códigos de conduta, que as Dzi Croquettes provocavam uma outra forma de ser e pensar o

sujeito. Para elas, usar roupa fio dental, vestido, muita maquiagem e dançar seminuas, não era se travestir de mulher e nem violar as normativas do ser homem por si, de acordo com elas:

Nós não somos homens, nem mulheres. Nós somos gente. Gente computada igual a vocês. Se vocês quiserem uma flor, nós temos. Uma porrada? A gente tem também. Venham com a gente nesta viagem, fazer uma nova cabeça. Para isso, basta dizer uma palavra mágica. E essa palavra mágica é... Dzi! (Carlinhos Machado In: BARCELLOS; BRITTO, 2010, p. 16).

Podemos perceber, com isso, que o efeito da dubiedade causada pelas Dzi Croquettes era uma maneira de ridicularizar o machismo bem como as formas de ser mulher questionando os supostos benefícios causados. Dessa forma, era denunciado a titubeante ideia de ajustamento claro e específico dos corpos.

Nesse sentido, dentro do universo Dzi não havia uma somente uma evidência de como se portar inteligentemente. Com as investidas das performances teatrais era revelado o processo de naturalização da masculinidade, feminilidade e heterossexualidade compulsória. O estranhamento causado era uma consequência da desestabilização de modelos de sexo e de gênero nas experiências do devir como efeito de uma diferença impossível de administrar.

As Dzi Croquettes foram “*queers*”, mesmo sem essa denominação existir na época. O masculino, o feminino foram desestabilizados, marginalizados e postos num não-lugar. A fixidez em que são operadas as dicotomias excludentes tão presentes na teoria da construção do sujeito foi não apenas questionada nos palcos nacionais e internacionais, mas era vivido cotidianamente por esse grupo, mesmo longe dos holofotes e dos ensaios, os Dzi se transformaram numa forma de existir no mundo.

Com os Dzi eu tive grandes ensinamentos. O maior de todos foi o de viver em família. Sim, nós éramos uma família de fato, com uma mãe (Wagner), e um pai que no ensinava a dança (Lennie), várias irmãs e tias de nossa carreira. [...] Os Dzi Croquettes representou uma grande abertura ideológica e cultural em plena repressão brasileira. Foi um marco para todos. (Rogério de Poli in: BARCELLOS; BRITTO, 2010, p. 53).

Desse modo, estudar a inconstância dos sujeitos, observando as Dzi Croquettes e toda sua trajetória, é perceber as modificações do gênero e do sexo dentro das culturas e formas de sociabilidades outras que se modificam no tempo e no espaço. Podemos ver que para eles o gênero é múltiplo e mutável e não se resume apenas ao masculino, feminino ou mesmo outras classificações que se tornaram tão categóricas quanto essa, como as lésbicas, gays, as travestis e as transexuais. Treze “homens”, dilataram as normas, flexibilizaram os corpos dóceis. No ápice da ditadura militar, seus corpos eram suas armas e sua resistência era sua arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de gênero e da sexualidade percorrem um imenso contexto analítico de olhares e perspectivas. Em função de visibilizar as formas de docilização e desestabilização dos corpos, foi usado o conceito de “Técnicas de Si” de modo a mostrar os limites da heterossexualidade e como ela é constantemente reiterada e também fugidia. A diferença que foi considerada por grandes filósofos e cientistas como uma peste que deve ser aprisionada, é agora fundamental para a vivência intermitente do devir sexual. Por fim, a Teoria Queer juntamente com a diferença e a produção de técnicas de resistência traz o questionamento de identidades polarizadas e fixas.

As Dzi Croquettes que não faziam parte de nenhum movimento social em defesa dos direitos homoafetivos, mas que, por meio da arte, da dança e de sua transgressão divulgavam seus problemas e suas posturas diante da sociedade. Por meio da materialização de seus corpos abjetos e ininteligíveis foram capazes de ridicularizar discursos e posições. O retorno das Dzi vem evidenciar a força da transgressão das normas de gênero, da mudança, da imanência dos corpos e dos sujeitos e, além disso, mostrar as fragilidades e sutilezas que são as tecnologias de controle que se fundamentam sobre delicadas, porém internalizadas, tentativas de controlar sujeitos.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Ciro; BRITO, Sandra (org.) **Dzi Croquettes**. Rio de Janeiro, [sem editora], 2013.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras: Uma antologia de estudios queer**. Barcelona: Icária editorial, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade** 2. ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COONELL, R. W. 1995. Masculinities: Knowledge, power and social change. Apud FILHO, S. A. Carvalho. A Masculinidade em Connell: os mecanismos de pensamento articuladores de sua abordagem teórica. In: XIII ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212953291_ARQUIVO_ComunicacaoSilviodeAlemeidaCarvalhoFilho.pdf. Acesso em: 02 de set. de 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Feliz. **O que é filosofia**. Trad. Bento Prado Jr. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1992.

DZI CROQUETTES. **Dzi Croquettes: documentário 2009**. 2014 1 post (1 h. 49 min. 38 seg.). Postado em: 15 de fev. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rgy8fXEqw98>. Acesso em 2 set. 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**; trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 5 edição. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão; trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, ed. Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In Rabinow P e Dreyfus. **Foucault uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária

LEON, A.A. Gomes. As artes da tirania: sexo, Foucault e Teoria Queer. In: **ARIUS: revista de Ciências Humanas e Artes**. v. 16, n. 1/2, 208 p., jan./dez., 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer**: uma política pós-identitária da educação. In: **ESTUDOS FEMINISTAS**, 2001. v. 9, n. 2 p. 541. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em: 10 set. de 2014.

NOLASCO, Sócrates (1995). **O Mito da Masculinidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ROSA, M. **Ser um homem segundo a tradição?** In: **FRACTAL**. Jul/Dez 2008. Niterói. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v20n2/10.pdf>. Acesso em: 10 de set. de 2014.

SEIDMAN, Steven (org.). **Queer Theory / Sociology**. Oxford: Blackwell. 1996.

SILVA, Natanael de Freitas. Dzi Croquettes: “nem homem, nem mulher, gente!” Masculino e Masculinidades. In: Anais do XVI Encontro Regional de História em Anpuh-Rio: saberes e práticas científicas, 2014, **Anais...** Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400502156_ARQUIVO_TextocompletoNatanaelSilvaAnpuhrj2014.pdf. Acesso em: 12 de set. 2014.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença**: Gilles Deleuze, o pensador nômade. São Paulo: Edusp, 2004.